

## PERCEPÇÕES SOBRE A TOLERÂNCIA RELIGIOSA NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO

*Paula Márcia Seabra de Sousa<sup>1</sup>, Murialdo Gasparet<sup>1\*</sup>, LÍlian Neto Barroso<sup>1</sup>, Fernanda Ribeiro Gomes de Queiroz Crespo<sup>2</sup> & Maria Eduarda Ribeiro Galdino<sup>2</sup>*

---

### RESUMO

SOUSA, P. M. S.; GASPARET, M.; BARROSO, L. N.; CRESPO, F. R. G. Q.; GALDINO, M. E. R.; Construindo a Tolerância Religiosa no Âmbito universitário. **Perspectivas Online: Humanas Sociais & Aplicadas**, v.9, n.26, p.127-140, 2019.

O espaço religioso está sujeito aos diversos conflitos sociais como a intolerância, através de atitudes agressivas que se fazem presentes com o intuito de defender uma ideia ou verdade religiosa, como a única existente e possível. O presente estudo tem como proposta a reflexão e discussão da tolerância religiosa no âmbito acadêmico, buscando promover ética e solidariedade entre religiões e respeito a alteridade do homem. As metodologias utilizadas nesse estudo foram: revisão de Literatura sobre o tema proposto (artigos científicos publicados nos últimos 10 anos na base de dados da *Scielo*) e pesquisa de campo (entrevistas semiestruturadas individuais com a participação de 10 acadêmicos de diferentes cursos de formação). Esses resultados revelaram que muitas pessoas

possuem ainda uma necessidade de “convencimento” ou de “conversão” do outro a uma verdade que considera única, gerando isolamentos, violência e até mesmo morte. Dessa forma, se faz necessário construir uma sociedade onde as pessoas passem a tolerar mais a verdade do outro. Aqueles que conseguem entender a vida não como uma competição de certos e errados, mas como uma construção de valores e ideias, conseguem ser livres para viverem suas verdades sem disputas. Assim, o espaço universitário é um local adequado e propício para a construção de uma cultura de tolerância religiosa e de acolhida e aceitação do diferente, recriando uma cultura de respeito e paz entre as diversas religiões na sociedade.

**Palavras-chave:** Diversidade; Diálogo; Religião.

---

**ABSTRACT**

The religious space is subject to various social conflicts such as intolerance through aggressive attitudes in order to defend a religious idea or truth, as if it is the only existing and possible. This study aims to discuss religious tolerance in the academic field, seeking to promote ethics and solidarity between different religions as well as respect the otherness of the humankind. The methodologies used in this study were: literature review on the proposed theme (scientific articles published in the last 10 years in the Scielo database) and field research (individual semi-structured interviews with the participation of 10 academics from different courses). The results revealed

that many people still have a need for "convincing" or "converting" each other to a truth that they consider unique, generating isolation, violence, and even death. Therefore, it is necessary to build a society where people can tolerate personal beliefs of others. Those who are able to understand life not as a competition for right and wrong but as a construction of values and ideas, can be free to live their truths without dispute. Therefore, the university's space is an appropriate and conducive place to build a culture of religious tolerance as well as an acceptance of the difference, recreating a culture of respect and peace among the various religions in society.

**Keywords:** Diversity; Dialogue; Religion.

---

<sup>1</sup>Institutos Superiores de Ensino do CENSA – ISECENSA – Laboratório Dialogal Fé e Razão – NUCFER – Rua Salvador Correa, 139, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, CEP: 28035-310, Brasil.

<sup>2</sup>Alunos(as) do Programa Voluntário de Iniciação Científica-PROVIC Institutos Superiores de Ensino do CENSA - ISECENSA - Rua Salvador Correa, 139, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, CEP: 28035-310, Brasil.

\* e-mail: [murialdogasporet@yahoo.com.br](mailto:murialdogasporet@yahoo.com.br)

Data de recebimento: 30/10/2019. Aceito para publicação:08/11/2019.

## 1. INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea vem passando por um momento delicado de competitividade, disputa social, luta por interesses individuais e, de modo geral, ausência de alteridade entre os homens. O espaço religioso também está sujeito a essas questões sociais, pois esse espaço também se constrói no meio social (TEIXEIRA, 2012).

Ressalta-se que a religião tem se expandido rapidamente na atualidade e com várias denominações. Uma das consequências dessa expansão é que muitos conflitos têm surgido entre as denominações religiosas onde, muitas vezes, atitudes violentas e agressivas se fazem presentes com o intuito de defender uma ideia e uma verdade religiosa, como a única existente e possível (FERNANDES, 2013).

Importante lembrar que disputas religiosas, guerras e muitas injustiças já foram cometidas em nome de Deus, por isso não se pode permitir, que ainda hoje em nossa sociedade, seja possível presenciar diversos atos de intolerância religiosa, de falta de respeito com o outro e de violências físicas e simbólicas, como recorda Buchvitz e Andrade (2013). No entanto, as várias denominações religiosas são benéficas para a sociedade, pois garante ao homem o direito de expressar a sua fé e de participar do progresso da humanidade, conforme as suas crenças (BONDER, 2010).

Diante disso, a tolerância deve ser entendida como o reconhecimento do diverso, preservando o respeito à identidade do outro, pois o intolerável não é a diferença, mas a indiferença. Existe uma tolerância inaceitável, que é preciso reconhecer, como por exemplo, tolerar a discórdia via disputas violentas ou tolerar o horror e o ódio à diferença. A sociedade também almeja a paz e a convivência pacífica, dessa forma, é urgente saber tolerar o outro que é diferente e que pode até mesmo chegar a ser apreciado. Reconhecer a diferença e permitir a sua existência é uma necessidade para que a sociedade alcance a tolerância religiosa (BONDER, 2010).

A religião oferece ao sujeito a possibilidade de encontrar um sentido e significado para a vida, tendo a capacidade de guia-lo neste mundo, bem como direcionar valores éticos do dia-a-dia. Além disso, um importante fator apresentado pela religião é a socialização e o diálogo. O diálogo entre os homens apresenta-se como um atributo natural desses sujeitos, que se realiza por meio da linguagem, mediante o encontro entre duas pessoas e a comunicação recíproca. Nesse diálogo, cada pessoa possui as suas particularidades de visões de mundo e é importante reconhecer o outro como sujeito portador de uma liberdade, dignidade e identidade para demonstrar suas visões. Para o diálogo, necessita-se de humildade e o reconhecimento do valor da alteridade (FERNANDES, 2013).

Dessa forma, assumindo o compromisso de respeito com a alteridade, com o homem e com a sociedade, o presente estudo promovido pelo Núcleo de Pesquisa Cultura, Fé e Razão da Pastoral Universitária dos Institutos Superiores de Ensino do Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora, teve como objetivo principal a reflexão e construção da tolerância religiosa no âmbito acadêmico, pois considera que atitudes violentas ou agressivas não fazem parte do objetivo da religião. Assim como, realizar um levantamento bibliográfico de artigos científicos, publicados nos últimos 10 (dez) anos, que tiveram como embasamento a tolerância religiosa; identificar os principais fatores promotores da tolerância e intolerância religiosa entre os acadêmicos dos ISECENSA; e investigar os fatores propulsores da paz entre as diversas denominações religiosas. Entendemos que em virtude da diversidade religiosa,

todos os homens têm a obrigação de tolerar o próximo, reconhecer as diferenças e respeitar a identidade do outro.

## 2. METODOLOGIA

O estudo teve como proposta, em um primeiro momento, fazer uma pesquisa qualitativa por meio de uma revisão de literatura, para tanto buscou-se artigos científicos publicados nos últimos 10 (dez) anos sobre a temática, com os seguintes descritores: tolerância religiosa; diversidade; diálogo. Foram compilados apenas artigos na base da *Scielo* e de língua portuguesa e que era pertinentes ao tema.

Em um segundo momento, foi realizada uma pesquisa de campo, utilizando a técnica de entrevistas semiestruturadas. Foram realizadas 10 entrevistas individuais com universitários de diferentes cursos de formação. As entrevistas foram divididas da seguinte forma: uma nos cursos de Administração, Arquitetura e Urbanismo, Educação Física (Bacharelado ou Licenciatura), Enfermagem, Fisioterapia, Pedagogia, Psicologia e Direito e duas nos cursos de Engenharia (Mecânica, Produção e Civil), totalizando 10 entrevistas.

Os principais pontos abordados nas entrevistas semiestruturadas foram: o papel da religião na vida pessoal e na sociedade; o entendimento sobre tolerância religiosa; o lugar que o diálogo tem ocupado entre as religiões; quais as estratégias para promover a paz, o respeito e o diálogo entre as religiões.

Todas as entrevistas foram transcritas e analisadas pelo método da análise de conteúdo, definindo as diferenças e as semelhanças, buscando apresentar os comportamentos e pensamentos dos sujeitos da pesquisa a respeito da questão estrutural do trabalho: a tolerância religiosa. A análise dos dados foi categorizada da seguinte maneira: Relevância da Religião e Tolerância Religiosa.

O projeto foi devidamente submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos (CEP), recebendo o parecer substanciado de aprovação nº 2.731.494 no dia 22 de junho de 2018, com o CAAE nº 90195018.7.0000.5524. Todos os participantes da aplicação dos questionários assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não se pode negar a história de luta contra o preconceito enfrentada por seguidores de diversas religiões, e que perdura até os dias de hoje, embasadas por pensamentos retrógrados de algumas pessoas e, até mesmo, de líderes religiosos, que se negam a aceitar uma ideologia distinta de seu credo. Por isso, essas pessoas desejam e buscam a todo custo, impedir qualquer manifestação religiosa conflitante com a sua, onde muitos, inclusive, pregam para seus fiéis, que algumas religiões são obras ou cultos ao maligno.

### 3.1. Relevância da religião

Ao avaliar os participantes compilados, constatou-se que seis participantes se declararam religiosos, sendo: três católicos, dois evangélicos e um do candomblé. Outros quatro participantes afirmaram não ter religião, sendo que dois se declararam ateístas e os outros dois não mencionaram nenhuma filosofia ou ideia.

Em relação a importância da religião, três participantes disseram não ter nenhuma importância ou influência em suas vidas e um que afirmou ser agnóstico teísta declarou “como as pessoas sempre falam de respeito e solidariedade, foi o mais próximo que achei, ser respeitosa e solidária como Jesus, ser amorosa como Ele” (*entrevistado 9*). Os dados discutidos a partir de relatos importantes de cada participante estão melhor descritos abaixo.

Quando questionados sobre a função da religião na sociedade e sua importância, os entrevistados declararam:

“ensinar a ter mais amor, a compartilhar” (*entrevistado 6*).

“capaz de consertar [...] caráter, visão das pessoas” (*entrevistado 5*).

“a religião, às vezes, limita muito a pessoa” (*entrevistado 1*).

“está tornando uma camuflagem [...] falam que ser gay é uma coisa do demônio” (*entrevistado 9*).

“algumas pessoas precisam se basear em alguma coisa” (*entrevistado 4*).

“fazemos irmãos de verdade, como Jesus gostaria” (*entrevistado 7*).

Afirmar nossa identidade, acreditar em algo como verdade e verdade formadora da nossa pessoa, significa não estarmos na posição de convencidos nem na de convencer. Somente quando se sai dos olhares externos e volta-se para a própria essência do interior, encontra-se a si mesmo e a sua identidade. Contudo, quanto mais que se convence ou se é convencido, mais tristes e insatisfeitos as pessoas ficam, pois maior será o próprio senso de inadequação, de insegurança e de medo, ressaltando que “o convencimento nos rouba a vitalidade fundamental de nossa própria raiz e nos faz dependentes do outro para definir a nós mesmos” (BONDER, 2010, p. 29).

Há neste mundo os que “vivem e deixam viver” e há no mundo os que precisam afirmar suas certezas provando e apontando o “outro” como errado. Certo é qualquer coisa que não queira convencer ou impor a vontade de um sobre o outro; “errado” é a postura do convencimento. Tanto o convencido quanto o que convence são perdedores (BONDER, 2010, p. 29).

Aqueles que conseguem entender a vida não como uma competição de certos e errados, mas como uma construção e encontro de valores, de ideias e de possibilidades, conseguem ser mais livres para viverem suas verdades sem disputar, sem machucar, sem se sentir vitorioso ou derrotado, mas, simplesmente, ser humano e livre.

Em seguida quando questionados sobre a importância da religião, os participantes das entrevistas responderam:

“acho que a religião nos dá um norte” (*entrevistado 2*).

“a religião vem para ajudar a compreender as atitudes” (*entrevistado 2*).

“a religião é meu baluarte” (*entrevistado 8*).

“não tem importância em minha vida” (*entrevistado 10*).

“ela é fundamental na minha vida” (*entrevistado 3*).

“uma ponte para chegar até Deus” (*entrevistado 6*).

Miranda (2010) observa a existência de particularidades do processo de construção de uma identidade religiosa entre os jovens. Nesse cenário religioso é cada vez mais comum encontrar jovens universitários que comparecem as aulas de camisetas e bonés ilustrados por imagens ou frases religiosas. Esses trajes incluem formas específicas de comunicação, de adesão religiosa, de identificações, de rituais, de vivência comunitária, de mobilização para ações específicas, de agenciamento dos imaginários sociais.

Por isso, esse espaço universitário também é o lugar propício e oportuno para a construção de uma cultura de tolerância religiosa, de acolhida ao diferente e de aceitação do outro como outro. É um espaço de criar, recriar, desconstruir para construir uma cultura de respeito e paz entre as diversas religiões.

A possibilidade de existir paz entre as religiões foi um dos questionamentos feitos aos sujeitos da pesquisa, que afirmaram:

“conscientizando a sociedade” (entrevistado 1).

“se as pessoas pararem de seguir só” (entrevistado 9)

“todos defendem seus próprios interesses” (entrevistado 2).

“respeito entre as partes” (entrevistado 7).

“desde que todas as religiões de fato reconheçam Jesus como a cabeça” (entrevistada 8).

“muita gente quer impor sua religião como a certa” (entrevistado 4).

“sempre haverá um ignorante que destruirá uma possibilidade de paz” (entrevistado 5).

“buscando um diálogo para chegar a um consenso” (entrevistado 6).

“enxergo a intolerância como sendo parte da história” (entrevistada 10).

Segundo Oro e Alves (2013), o século XX foi marcado por oposições, tensões, conflitos, mas também por encontros e aproximações entre as religiões, e cita o exemplo do Papa Francisco que pediu o respeito entre as religiões. O respeito e a tolerância entre as religiões são fatos tão importantes para esse líder da Igreja Católica (papa) que foi um dos pontos que inspirou a Campanha da Fraternidade de 2018 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), com o tema “Fraternidade e Superação da Violência” e o lema “Vós Sois Todos Irmãos” (Mt 23,8), onde denunciou que uma das formas de violência na atualidade é a intolerância religiosa:

Infelizmente no Brasil se tem constatado o aumento da violência religiosa promovida pelo fanatismo e a intolerância. As religiões de matiz africanas são as que mais sofrem perseguições e intolerância. O Brasil teve 697 denúncias de intolerância religiosa entre 2011 e 2015. Isso significa que a cada três dias houve algum tipo de violência contra as práticas religiosas africanas no Brasil (SPIRANDIO, 2018, s/p).

Fernandes (2013) destaca que o individualismo é uma característica marcante da sociedade atual, levando, por consequência, muitas pessoas a não suportar e, até mesmo, odiar

o diferente. Muitas pessoas acabam exigindo do outro uma postura igual a sua, sendo intolerante àqueles que dela discordam.

Para Guareschi (2008), o Ser Humano é um sujeito de relações, que não se encontra pronto, mas que está em contínua construção; além disso, seu significado também constitui, de fato, tornar-se humano e conquistar-se. Para esse autor a subjetividade humana é o resultado de milhões de relações, afirmando que a pessoa recorta do universo de relações algumas parcelas específicas, diferenciadas e, com isso, constroem sua subjetividade. Por isso que o ser humano é absolutamente singular, único e irrepitível, onde na medida em que a pessoa toma consciência do que faz dela, ela se liberta. E sabe-se que na proporção em que o sujeito é consciente e livre, passa a ser responsável, ético, singular, individual e social.

A palavra “ecumênico” para Almeida (2012) é derivada da palavra grega *oikoumene*, que significa, em seu sentido original, “o mundo habitado”. O uso dela na igreja primitiva gradativamente veio a significar a igreja inteira e atualmente pode ser entendida, em sentido amplo, como qualquer meio que se relaciona à tarefa da igreja para levar o evangelho para o mundo (ALMEIDA, 2012). Nesse aspecto, precisa-se tomar cuidado para não se confundir o ser ecumênico com o ser tolerante. O grupo religioso que queira exercer o ecumenismo atual, pode ser completamente intolerante para com aquelas denominações religiosas que não fazem parte desse grupo ecumênico ou até mesmo para com as pessoas que não proclamam nenhuma fé.

Assim, Bonder (2010, p. 24) esclarece que as tradições religiosas quando se limitam a apenas encontrar-se em espaços ecumênicos, elas não conseguem ultrapassar a dimensão da tolerância no sentido de suportar, pois são:

Tratadas com uma mesma deferência, são partes de um mesmo e, como diferentes partes de um mesmo, só podem se tolerar. Se, no entanto, esse encontro se dá na dimensão do outro, na linguagem ou no espaço do outro onde não se tem qualquer dúvida de que o outro é o outro, então há espaço para a apreciação. Reforçar as identidades, fazer-se mais outro, é o caminho da paz e da apreciação. Que cristãos sejam mais cristãos, que judeus sejam mais judeus, em particular assumindo sua legítima diversidade.

Quando as tradições religiosas são entendidas e tratadas como se fizessem parte de uma mesma raiz superior, de um mesmo igual, com algumas diferenças, só cabe nesse espaço a tolerância de um modo mais restrito, significando suportar. Contudo, se o encontro entre as religiões acontece na dimensão e espaço do outro, onde não se tenha dúvidas de que o outro é o outro, então há espaço para a apreciação, tolerando no sentido de reconhecer a diferença. Assim, reafirmar as identidades e reconhecer cada vez mais outro são caminhos da paz e da apreciação entre as religiões. Por isso que pessoas espíritas sejam mais espíritas, cristãos sejam mais cristãos, umbandistas sejam mais umbandistas, judeus sejam mais judeus, em particular assumindo sua legítima diversidade (BONDER, 2010).

Bonder (2010, p. 28) complementa dizendo “quando o triunfo é teológico e simbólico, então não se trata de saber com quem fica Jerusalém, mas quem fica com Deus”. Por isso, enquanto a humanidade tiver embasada nessa forma de pensar e agir, a paz será difícil de ser alcançada. Concluindo esse autor “uma derrota na expectativa de triunfo de todos é a única esperança da paz. Sempre foi”.

No meio social e acadêmico atualmente, ainda encontramos muitos atos, pensamentos e palavras que revelam a existência da intolerância religiosa e, para a construção da paz entre

as religiões, ou seja, para superarmos a violência na esfera religiosa, é necessária disposição para o diálogo. Esse quesito é um instrumento aprendido naturalmente, por meio das relações humanas, desde muito cedo mediante a linguagem e o encontro entre os sujeitos. Por isso, sem o diálogo as pessoas não encontram o outro e nem deixam o outro lhes encontrarem; assim as pessoas perdem a noção de serem pessoa. Para o diálogo, exige-se, abertura ao outro, humildade e reconhecimento do valor da alteridade, como já mencionado anteriormente.

Reis e Costa (2014, p. 258) afirmam que o diálogo inter-religioso tem o seu lugar social e também é importante para a construção da paz:

O que se mostra benéfico no diálogo é a discussão de assuntos voltados para o bem comum da humanidade, seja na busca pela paz, reafirmação dos direitos humanos e erradicação da desigualdade social, assim todos poderão dialogar com reconhecimento à diversidade e respeito à identidade do outro.

Dessa forma, Teixeira (2012, p. 189-190) conclui que o diálogo “são dois mistérios que se encontram, que partilham suas experiências e buscam se compreender mutuamente, estando igualmente abertos para o recíproco enriquecimento”.

O diálogo, contudo, também deve estar aberto para suportar, aceitar e valorizar verdades diferentes da sua. Nesse sentido, é necessário construir uma sociedade onde as pessoas passem a tolerar mais a verdade do outro, por mais que não seja a sua verdade. Antes de ficar recordado o passando, onde lutas religiosas geraram o ceifamento de vidas humanas, precisa-se reconhecer que o desejo de “convencimento” ou de “conversão” do outro a uma verdade que considera única, ainda gera mortes, isolamentos, sofrimentos e disputas violentas. Contudo, lutar pelos direitos humanos, pela democracia e pela liberdade, significa lutar pelo respeito às “verdades” humanas.

### 3.2. Tolerância religiosa

Conforme o dicionário da língua portuguesa, o vocábulo tolerância provém do latim *tolerantia*.ae, que significa ação de tolerar, de aceitar, ou de suportar; também podendo significar disposição para admitir modos de pensar, de agir e de sentir diferentes do que as pessoas acham. Ressaltando portanto que este vocábulo não significa a proposta de alterar um estado de ser, uma posição ou um modo de pensar e agir.

Destacar o sentido da palavra tolerância que deseja-se adotar, não significa a compreensão ou a aceitação daquela verdade mas, o respeito, o reconhecimento da sua existência e o direito de existir.

Para Santiago (2008, p. 199), a ideia de tolerância é complexa, porque abarca duas noções, que não são contraditórias, mas sim integrantes, como: diferença e igualdade. A diferença sempre existiu, faz parte da essência humana (reconhecer a diferença significa reconhecer a integridade do ser humano) e a igualdade marca as características humanas, sociais e padrões culturais. Esse mesmo autor afirma que “todos têm direito à sua verdade, mas as verdades são múltiplas, equivalentes, e ninguém pode querer impingir a sua aos outros”.

Os entrevistados entendem que tolerância religiosa significa:

“você aceitar a religião do outro” (*entrevistado 1*).



“o que mais têm é os indivíduos não conseguirem olhar para um cara da Umbanda, ou Espiritismo, de igual para igual” (entrevistado 2).

“não tem que ficar julgando as religiões” (entrevistado 3).

“aceitar a forma com que o próximo cultua na sua religião” (entrevistado 5).

“para mim, é se eu chegar num lugar com minhas vestes [...] e não receber olhares de crítica, não causar estranhamento. Chegar aqui na faculdade e as pessoas entenderem o motivo de eu estar vestido assim” (entrevistado 6).

“é algo necessário na sociedade” (entrevistado 7).

“respeito a tudo o que há de bom e verdadeiro em outras religiões constando que Jesus seja o único caminho, verdade e vida” (entrevistado 8).

“trata-se [...] de validar e reconhecer como legítima, tanto quanto a sua, a religião do outro” (entrevistado 10).

Caputo (2015) declara que a linguagem é a chave cultural de um povo e que, sem rever seus aspectos, origem e formas, não há como constituir a religião. A cultura da intolerância entre as religiões também passou por uma construção e, por isso, pode-se e deve-se desconstruir a intolerância construindo a tolerância cultural como forma de reconhecimento do outro.

É importante lembrar o apontamento de Bonder (2010, p. 23) que afirma: “o que é intolerável não é a diferença, mas a indiferença”. O autor argumenta que é necessário entender a intolerância à luz de uma ordem de tolerância inaceitável, e não por meio de uma disputa ou um horror à diferença, pois conforme essa linha de pensamento pode-se compreender e aceitar por completo o outro, que é diferente de si próprio, mas pode, até mesmo, chegar a ser apreciado. Assim discorre Azevedo; Sá (2016, p. 89) “podemos dizer que não é propriamente uma experiência de conhecimento, mas de vislumbre, de encontro, que sustenta a abissalidade e o retraimento”.

Seguindo essa reflexão, Bonder (2010, p. 26) afirma:

Com certeza não existe ícone maior da dificuldade de convivência humana do que a cidade de Jerusalém. Fundada há três mil anos pelo rei Davi, possivelmente já então sobre um sítio sagrado arcaico da região, Jerusalém era um projeto. Seu nome o revelava: *Ierushalem*, a cidade da plenitude ou a cidade da paz. E o projeto deu certo. Não exatamente por ter trazido paz em sua história, muito pelo contrário, mas por ter sintetizado a dificuldade humana de obtê-la. Quem vence produz um vencido e se coloca na cadeia sucessiva e interminável da violência. A solução com certeza passa por estes três ingredientes: o convívio, o estado de liberdade e o fim do triunfalismo.

A intolerância religiosa está baseada na ilusão de que a fé pessoal é a única verdadeira, e que, por isso, seria correto combater - e até mesmo matar - o outro em nome dessa fé. Nesse contexto de competição que diversas religiões se encontram, por diversas vezes, cada uma delas reivindica para si uma superioridade absoluta, capaz de rejeitar o dogma de todas as outras crenças (VIDEIRA, 2011).

Quando questionados sobre os fatores que contribuem para a intolerância religiosa os entrevistados responderam:

“as pessoas têm uma visão errada e acabam tendo preconceito antes de conhecer realmente a religião” (*entrevistado 1*).

“às vezes as pessoas são alienadas na sua religião e então não conseguem respeitar outra religião” (*entrevistado 2*).

“as pessoas não ensinam a ter respeito as religiões” (*entrevistado 3*).

“a violência, física e verbal” (*entrevistada 4*).

“o ato de apontar o dedo e julgar a crença do próximo” (*entrevistado 5*).

“a falta de respeito é a base da intolerância religiosa” (*entrevistado 7*).

“falta de testemunho de vida” (*entrevistado 8*).

“a intolerância religiosa, acredito eu, se dá muito pela ignorância” (*entrevistada 10*).

Segundo Menezes (201, p. 199), a intolerância e o fanatismo religiosos ainda aparecerem com pujança numa sociedade supostamente esclarecida e lembra “não são os deuses que estão em guerra, mas os seus seguidores”.

Muitas vezes, na cultura contemporânea, aceita-se como verdade apenas aquela que provém da tecnologia, do mensurável, da concretude e da objetividade da ciência, por ser uma verdade mais visível, cômoda e aprazível. Existe as verdades do sujeito, que advém da sua autenticidade e que são válidas, no entanto, apenas para a pessoa, pois não podem ser apresentadas para os outros como único critério de validade. A fé que é fornecida por Deus não se fecha a compreensão, pelo contrário, ela advém da acolhida da verdade do amor (PAPA FRANCISCO, 2013).

A pessoa só consegue compreender o amor quando ama, sem antes abrir-se para ele, não é possível saber da sua existência; onde um amor duradouro é verdadeiro, por isso, o tempo comprova a sua existência. Além disso, é impossível viver um amor sem a existência do outro, pois para amar a si próprio e ao próximo, imprescindivelmente, precisa-se primeiro deixarem serem amados (PAPA FRANCISCO, 2013).

Os entrevistados disseram que para promover a tolerância religiosa utilizariam as seguintes estratégias:

“diálogo com o próximo” (*entrevistado 1*).

“respeitar o outro, aprender com o outro” (*entrevistado 2*).

“reunir as religiões, debates, algo que possa fazer com que as pessoas abram os olhos e percebam que não é a religião que julga o outro” (*entrevistado 3*).

“mostrar que a sua religião não é a única que prevalece” (*entrevistado 4*).

“deveria existir uma reunião para cultuar a Deus, onde Deus seja o centro, eu acredito que a formação de caráter permite acontecer isso” (*entrevistado 5*).

“estudar mais sobre as outras religiões para compartilhar” (*entrevistado 6*).

“todo mundo deveria saber um pouquinho da parte boa de cada religião.” (*entrevistado 9*)

“promover discussões em sala de aula nas escolas para que as crianças já cresçam com um visão mais tolerante, é fundamental. Além disso, é de extrema importância

que líderes religiosos ao redor do mundo discurssem sobre respeito e validação de outras crenças e práticas para seus seguidores” (*entrevistado 10*).

Buber (2001) apresentava como proposta fundamental de seu pensamento, a ideia de que se pode estabelecer nos próprios caminhos e encontros, dois tipos básicos de atitude: a relação “Eu-Tu” e a relação “Eu-Isso”. Na primeira “Vemos” o outro, “Encontramos” o outro e a partir de então pode-se conhecer, aprender, construir, dialogar, promover mudanças e essencialmente amar, pois o outro é um Tu tão importante quanto as próprias pessoas e não instrumentalizável. O outro (o Tu) não é um objeto que eu se possa manipular e usar, é alguém que, por ser criatura de Deus, é fundamental para sua própria existência. No segundo tipo de atitude, Eu-Isso, o que se tem é objetificação, manipulação, domínio, controle e uso. O outro é algo, uma coisa que pode usar e que pode extrair o que se interessa, como: prazer, lucro, pura força de trabalho, mão de obra barata ou mesmo energia da natureza.

Heidegger (2006 *apud* BRAGA; FARINHA, 2017) afirmava que a pessoa pode assumir duas formas fundamentais de pensamento, o calculante e o meditante. No primeiro, o sujeito aproxima-se do controle, do domínio do que lhe cerca, buscando sempre explicações racionais. Assim, tudo que lhe cerca pode ser compreendido e controlado e, das coisas pode-se extrair energia. Esse mesmo autor dizia que o domínio do pensamento calculante transformou a natureza em fundo de reserva energético. Já o pensamento mediante, ao contrário, estaria direcionado para o ser, para os envios do ser, para os sentidos que podem surgir e que podem ser desvelados, pois o que somos é, essencialmente, abertura e possibilidade de desvelamento de diferentes sentidos. Dessa maneira, o pensamento meditante sustenta a abertura desveladora de sentidos.

Portanto, nessa dinâmica de pensamentos, sustenta-se de que o modo de relação “Eu-Tu” e o modo de pensamento referido como meditante são condições de possibilidade para o mais denso e rico exercício do diálogo e da tolerância religiosa. Assim, fica nítido que os relacionamentos com os outros e com o mundo necessitam de reciprocidade, troca, criação e aprendizagem.

Teixeira (2012) entende que a tolerância não é uma posição contemplativa, mas sim uma atitude dinâmica, que consiste em prever, em compreender e em promover o que quer ser. Ao contrário, o etnocentrismo se concretiza quando se firma uma impermeabilidade absoluta ou uma incomunicabilidade com o outro: “nós somos nós, eles são eles”. O mundo hoje carece da busca por novos espaços de comunicação e entendimento.

Acredita-se ser importante parar de construir uma sociedade onde o valor pessoal esteja voltado para a competitividade, que entende ser a vida um grande vestibular, com uma preocupação mais voltada para a comparação com os outros do que para os valores existentes em si mesmo. Dessa forma, vencer o outro leva a vida ser uma grande disputa para ver quem convence mais, quem está certo, quem tem o poder da verdade (BONDER, 2010).

#### 4. CONCLUSÕES

Baseado no levantamento bibliográfico e nos resultados obtidos dos questionários, sabe-se que a tolerância é uma ideia bem complexa e que envolve duas noções contraditórias: diferença e igualdade. Essas duas noções de tolerância faz parte da essência humana e marca as características sociais e padrões culturais. Já, a intolerância religiosa existe num contexto de competição em que diversas religiões são baseadas em uma superioridade absoluta individual, capaz de rejeitar o dogma de todas as outras crenças. Com isso, conflitos vêm

aparecendo com grande frequência entre as diferentes religiões e, em muitos casos, seguidos de atitudes de violência, com a finalidade de defender, expandir e impor um pensamento religioso, entendendo ser a verdade absoluta.

Muitos participantes das entrevistas realizadas nesse estudo declararam que na maioria das vezes a religião é tida como um lugar permitido para ocultar preconceitos e até mesmo difundi-los entre os demais. Pois, o individualismo é uma característica marcante da sociedade atual, levando muitas pessoas a ter intolerância ao outro. As pessoas que têm a necessidade de “convencer” são aquelas que entendem que a vida é um caminho percorrido onde os seres humanos devem chegar a um determinado lugar, onde suas vivências e seus valores serão comparados às vivências e aos valores dos outros.

Outros participantes acreditam que a religião por si só é uma promotora de igualdade e respeito, contudo, ainda relatam que este fato é dificultado na sociedade brasileira. No geral, a maioria dos participantes é consciente dos problemas inerentes à intolerância religiosa e possuem esperança que a religião e a identificação de seu papel como cidadão na sociedade podem auxiliar para a existência de um mundo melhor. Essas pessoas não têm a necessidade de “convencer” e não enxergam a vida como um “mega vestibular”, compreendendo que não existe primeiros colocados, nem sequer aprovados e reprovados por padrões comportamentais que são excludentes.

O que a sociedade contemporânea espera das pessoas, principalmente dos líderes religiosos, é o exercício da solidariedade social, com a finalidade de alcançar o respeito aos direitos humanos e a busca por um mundo melhor, sem pobreza, violência e tolerante às diversidades, identidades, ações, valores e práticas que acompanham todas as religiões.

A paz entre as religiões é possível se as pessoas refletissem sobre a existência e respeito à identidade e à diversidade religiosa. Nesse cenário, o diálogo inter-religioso também é considerado fundamental para a construção da paz, uma vez que a discussão de ideias e valores pode possibilitar a ampliação de conceitos e do reconhecimento e respeito à diversidade religiosa. Lutar pela paz entre as religiões significa lutar contra o desejo que o sujeito religioso tem, muitas vezes, de “convencer” para “converter”. O convencimento acaba tirando a vitalidade fundamental da própria raiz existencial do ser humano, fazendo com que seja dependente do outro para definir a si próprio.

O que se espera entre as diferentes religiões e cultura é a prática da solidariedade social, com o respeito aos direitos humanos em busca de um mundo melhor, mais solidário, sem violência e tolerante às diferentes culturas, identidades e religiões. A diversidade religiosa pode ser um benefício para a sociedade, garantindo as pessoas de exercerem a sua fé de maneira livre e de participarem do progresso da humanidade em busca da paz.

## 5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, V. Práticas ecumênicas de mulheres metodistas na Revista Voz Missionária. **Religião & Sociedade**, v. 32, n.2, p.149-169, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rs/v32n2/08.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.

AZEVEDO, P. W. de; SÁ, R. N. **Mistério e abismo**: a mística a partir de um diálogo entre Eckhart e Heidegger. *Persp. online: hum. & sociais aplicada.*, Campos dos Goytacazes, 17 (6), 83-96, 2016. ISSN: 2236-8876. Disponível em: [http://seer.perspectivasonline.com.br/index.php/humanas\\_sociais\\_e\\_aplicadas/article/view/995/828](http://seer.perspectivasonline.com.br/index.php/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/995/828). Acesso em: 30 ago. 2019.

BONDER, N. Tolerância e o outro. In: BONDER, N.; SORJ, B. **Judaísmo para o século XXI: orabino e o sociólogo**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. p. 23-29.

BRAGA, T. B. M.; FARINHA, M. G. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 23, n.1, p. 65-73, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v23n1/v23n1a08.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2019.

BUBER, M. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2001. 170p.

BUCHVITZ, P. A.; ANDRADE, R. G. N. Violência simbólica no contexto comunitário: uma revisão bibliográfica a partir da Psicanálise e da Psicologia Comunitária. **Persp. online: hum. & sociais aplicada**, Campos dos Goytacazes, 6 (3), 41-54, 2013. ISSN: 2236-8876. Disponível em: [http://seer.perspectivasonline.com.br/index.php/humanas\\_sociais\\_e\\_aplicadas/article/view/58/33](http://seer.perspectivasonline.com.br/index.php/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/58/33). Acesso em: 30 ago. 2019.

CAPUTO, S. G. Aprendendo yorubá nas redes educativas dos terreiros: história, culturas africanas e enfrentamento da intolerância nas escolas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 62, p. 773-796, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v20n62/1413-2478-rbedu-20-62-0773.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2019.

FERNANDES, F.B.M. Assassinatos de travestis e "pais de santo" no Brasil: homofobia, transfobia e intolerância religiosa. **Saúde Debate**, v. 37, n. 98, p. 485-492, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v37n98/a12v37n98.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2019.

GUARESCHI, P. A. Ética e relações sociais entre o existente e o possível. In: JACQUES, M.G.C.; Nunes, M.L.T.; Bernardes, N.M.G.; Guareschi, P.A. (orgs.). **Relações sociais e ética**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 6-11.

MENEZES, J. Da tolerância à caridade: sobre religião, laicidade e pluralismo na atualidade. **Estudos Históricos**, v. 28, n. 55, p. 189-209, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/eh/v28n55/0103-2186-eh-28-55-0189.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2019.

MIRANDA, J. Convivendo com o "diferente": juventude carismática e tolerância religiosa. **Religião & Sociedade**, v. 30, n. 1, p. 117-142, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rs/v30n1/a07v30n1.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2019.

ORO, A. P.; Alves, D. Renovação Carismática Católica: movimento de superação da oposição entre catolicismo e pentecostalismo? **Religião & Sociedade**, v. 33, n. 1, p. 122-144, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rs/v33n1/a07v33n1.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica Lumen Fidei**. Loyola: São Paulo, 2013, 82p.

REIS, J. B.; COSTA, I. G. Diálogo Inter-religioso: Cooperação entre as religiões para a busca do bem comum à humanidade. In: ROCHA, L.S.; WENCZENOVICZ, T.J.; BELLO, E. (org.). **Sociologia, Antropologia e Culturas Jurídicas**. Florianópolis: Conpedi UFSC, 2014. p. 246-260.

SANTIAGO, H. Os excessos da identidade: Bento XVI e a questão da tolerância. **Lua Nova**, n.74, p.195-210, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n74/08.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2019.

SPIRANDIO, T. **Resumo do texto base Campanha da Fraternidade 2018**. Disponível em: <https://spirandiopadre.wordpress.com/campanha-da-fraternidade-2018-texto-base-fraternidade-e-superacao-da-violencia/>. Acesso em: 26 mar. 2019.

TEIXEIRA, F. O Imprescindível Desafio da Diferença Religiosa. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, n. 38, p. 181-194, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/remhu/v20n38/a11v20n38.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.

VIDEIRA, M. Filosofia e literatura no iluminismo alemão: a questão da tolerância religiosa no Nathan der Weise, de Lessing. **Trans/Form/Ação**, v. 34, n. 2, p. 57-74, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/trans/v34nspe2/a05v34nspe2.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2019.